



Como as guerras civis começam: e como impedi-las (Resenha)

Tomaz Oliveira Paoliello

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: tomazpaoliello@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1217-4273>

Resenha do livro WALTER, Barbara. *Como as guerras civis começam: e como impedi-las*.
Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Recebido em: 08/08/2024

Aceito em: 20/11/2024

O debate sobre uma nova guerra civil nos Estados Unidos ganhou tração à medida que se aproximavam as eleições presidenciais de 2024. O tema, que chegou recentemente até aos cinemas, foi impulsionado pelos discursos dos diversos grupos armados que atuam no país, mas parece também ter ganhado um verniz teórico após o lançamento da obra de Barbara Walter, *Como as guerras civis começam*.

O gancho para o novo livro é provocativo. Com base nos acontecimentos que marcaram o primeiro governo de Donald Trump (2017-2021) e no ataque de 6 de janeiro de 2021 ao Capitólio, em Washington, a autora argumenta que os Estados Unidos apresentam sinais de eclosão de uma nova guerra civil, mais de 150 anos após o último conflito desse tipo no território do país. Para defender a ideia, a autora parte da conjuntura atual estadunidense para chegar ao núcleo empírico de sua pesquisa: *datasets* que compilam conflitos civis nas últimas três décadas (WALTER, 2022, p. 86). Com base nos dados coletados, Walter afirma ser capaz de isolar as principais variáveis que parecem ser mais explicativas para a eclosão de conflitos civis. A principal delas refere-se à transição de regime político: países em processo de democratização ou “des-democratização” seriam particularmente suscetíveis à eclosão de conflitos armados. A autora classifica estes regimes intermediários como “anocracias” – “nem autocracias absolutas, nem democracias plenas” (WALTER, 2022, p. 30).

O termo é explorado no capítulo 1 do livro, o mais conceitual na obra. Ali, a autora expõe a metodologia utilizada para a sistematização dos bancos de dados sobre guerras civis e o argumento principal do livro. Ainda nesse capítulo, Walter utiliza uma estratégia biográfica, contando a história de Noor, iraquiana que vivencia a invasão dos Estados Unidos ao seu país, em 2003, e a rápida mudança de regime. Ao demonstrar a posterior espiral de violência que levou o país a uma situação calamitosa de conflito interno, a autora defende que mesmo um suposto projeto de democratização pode ter consequências trágicas.

A partir do segundo capítulo, soma-se ao argumento institucional um componente de agência social: “atores sectários”, grupos organizados que buscam produzir ou exacerbar diferenças dentro de uma sociedade nacional para fins políticos. Estes atores podem ser os mesmos grupos armados que darão início ao conflito, mas seriam sempre os responsáveis por alimentar divisões dentro de determinada sociedade nacional. De acordo com a autora, ambos os componentes estão presentes, hoje, na realidade social e política dos Estados Unidos. Para ilustrar esse ponto, Walter traça um paralelo com o caso da dissolução da Iugoslávia e os conflitos produzidos a partir das disputas pela construção de novos Estados-nacionais na região. Para a autora, neste caso, assim como nos Estados Unidos contemporâneos, o surgimento de grupos armados nacionalistas em disputa é o ingrediente adicional à falta de capacidade institucional de lidar com o conflito político.

A complementação do argumento sobre a importância dos grupos sectários se dá nos capítulos 3, 4 e 5. Em “As consequências sombrias da perda de status”, a autora descreve as

condições que levam à formação de grupos minoritários violentos, partindo de uma análise sobre a organização em grupo armado da minoria muçulmana de Mindanao, nas Filipinas. O capítulo subsequente, “Quando a esperança morre”, utiliza o exemplo da Irlanda do Norte para demonstrar o processo de descrédito dos caminhos políticos institucionais e a opção pela utilização dos meios violentos. Os dois capítulos aprofundam as causas e motivações que levam ao surgimento de grupos violentos em regimes de “anocracia”, como o sentimento de injustiça, desigualdade e insegurança.

Para Walter, os Estados Unidos estariam, particularmente desde a primeira administração Trump, em processo de polarização política exacerbada por atores específicos, e em processo de deterioração democrática. Diante disto, a segunda metade do livro (capítulos 6 a 8) se dedica a traçar paralelos entre as situações narradas anteriormente e as condições observadas nos Estados Unidos da atualidade. O capítulo “Já estamos perto?” discute a história política recente do país a partir da ascensão de Trump, culminando em sua derrota nas eleições de 2020. Ali estaria o ponto de inflexão para a radicalização política do movimento “MAGA” (cujo nome se inspira no bordão de campanha presidencial de Trump, *Make America Great Again*) e o surgimento de grupos armados como os “Proud Boys”.

O ápice do livro é heterodoxo dentro da estrutura geral, já que abandona a estratégia até então empreendida de analisar casos específicos de conflitos civis registrados em sua base de dados. Em contraste, o capítulo “Como seria uma guerra” (WALTER, 2022, p. 195) realiza um exercício ficcional, por meio do qual a autora apresenta um quadro de início da guerra civil nos Estados Unidos, projetando o cenário de como essa guerra se manifestaria. A estratégia de construção de cenários é eloquente e dá contornos ao argumento principal de Walter. Se este é o momento mais interessante do ponto de vista do leitor, narrado quase como *thriller*, é também o trecho do texto em que mais nos afastamos do tom acadêmico até então prevalente na obra.

Finalmente, o último capítulo (“Como impedir uma nova guerra civil americana”) apresenta tom propositivo, mas retorna à lógica dos capítulos iniciais. A autora apresenta o fim do regime de *apartheid* na África do Sul como um momento que reunia todas as condições para uma guerra civil, mas caminhou para a construção de uma paz democrática. A solução? Boa governança, que, nas palavras da autora, se manifesta em três componentes: “Estado de direito”; “voz e responsabilização”; e “eficácia governamental” (WALTER, 2022, p. 238).

NADA DE NOVO NO FRONT?

A ideia central do livro indica que o componente explicativo principal para a ocorrência de guerras civis está relacionado ao regime político, mais precisamente ao estado da democra-



cia. Para esta definição, a autora utiliza o desenho de um eixo que classifica em um extremo os regimes autoritários mais repressivos (-10) e, em outro, as democracias com maior grau de liberdade e promoção de direitos (+10), conforme o *Polity Project*, do Center for Systemic Peace (WALTER, 2022, p. 31). No meio dos dois polos encontra-se a maior parte dos regimes reais. O ponto crítico seriam os regimes intermediários (-5 a +5), híbridos de componentes autoritários e democráticos. Geralmente, são governos que não contam com a estabilidade e poder de coesão que se possa observar em democracias ou ditaduras bem consolidadas.

A obra de Walter ecoa em diversos momentos a escola das “novas guerras”, inaugurada por Mary Kaldor (2005) a partir da observação dos conflitos civis da década de 1990. Kaldor, entre outros, enfatizava as mesmas duas questões levantadas por Walter: a presença de componentes sectários, caracterizados à época como conflitos “étnico-religiosos”, e componentes institucionais. Não à toa, um dos casos de grupos sectários em contextos de guerra civil paradigmáticos para Walter é o mesmo que para Kaldor: a dissolução da Iugoslávia, particularmente a Guerra da Bósnia. Décadas depois, o conflito ainda povoa a imaginação dos estudiosos de conflitos e parece persistir como o paradigma de guerra civil no pós-Guerra Fria.

Apesar da familiaridade interpretativa entre as autoras, um ponto central na obra de Kaldor não está em *Como as guerras civis começam*: o aspecto globalizado das guerras civis contemporâneas. Quando a autora descreve os conflitos, o aspecto internacional nunca aparece como causa, apenas como evento. Para o conflito nas Filipinas, por exemplo, embora Walter mencione o colonialismo estadunidense naquele país, em nenhum momento o colonialismo é posto como causa da conflituosidade emergente. O mesmo poderia ser dito da descrição que a autora faz da questão norte-irlandesa e do colonialismo britânico.

Na ordenação dos argumentos sobre conflitos consagrada por Kenneth Waltz (2004), Walter seria categorizada como uma autora da “segunda imagem”, apesar de tratar de conflitos civis, e não de conflitos internacionais. A autora argumenta que suas conclusões não são fruto de concepções, mas de observação e inferências derivadas de dados. Mesmo assim, para o leitor atento, as escolhas de argumentos e a inserção em um paradigma teórico deixam clara sua filiação. Poder-se-ia também argumentar: a explicação é de caráter doméstico, afinal são conflitos internos. De uma forma ou de outra, o problema persiste.

Ao longo da Guerra Fria, a ênfase na explicação sobre as guerras civis ia em sentido oposto, colocando destaque no papel das grandes potências como promotoras de conflitos internos. União Soviética, Estados Unidos e China, além de potências regionais, como África do Sul ou Cuba, patrocinavam partidos ou “grupos clientes”, que carregavam seus interesses para guerras civis. A derrocada deste tipo de visão veio exatamente nos anos 1990. A Guerra Fria terminou, mas conflitos civis em Angola, Moçambique, Serra Leoa, entre outros, seguiram mesmo sem seus sócios poderosos. Entre um extremo e outro, falta a Walter dar visibilidade à importância que Estados Unidos, Arábia Saudita, Rússia e Turquia, entre outras potências re-

gionais e globais, tiveram no conflito Sírio, por exemplo. Ou à centralidade da disputa entre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a Rússia na Ucrânia. Dar visibilidade à dimensão internacional interessa do ponto de vista analítico, mas também ajudaria a desvendar os fatores internacionais que atuam sobre as condições indicadas nos Estados Unidos, ponto central do livro. Afinal, onde estão os vínculos internacionais e transnacionais entre os grupos da nova direita global?

O livro de Walter é um documento do seu tempo. Como parte da constelação de materiais que fez ressurgir o debate sobre guerra civil nos Estados Unidos, é uma leitura que certamente deve ser levada em conta. O conhecimento da pesquisadora sobre guerras civis é notável, e as diferentes descrições de casos utilizadas ao longo dos capítulos têm bastante qualidade. Apesar da erudição no desenvolvimento do argumento, o livro é, ainda assim, voltado principalmente para impactar o debate público. Neste sentido, sugerimos que a obra seja lida mais como objeto de pesquisa, e menos como uma contribuição teórica. Certamente seu impacto no debate já é razão suficiente para que tenha ganhado tradução para o português e visibilidade dentro e fora dos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

KALDOR, Mary. *New and Old Wars: organized violence in a Global Era*. Stanford: Stanford University, 2001.

WALTER, Barbara. *Como as guerras civis começam: e como impedi-las*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

WALTZ, Kenneth. *O Homem, o Estado e a Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

